



Célio Jr./AE

Um cliente muito fiel

A fidelidade do ministro Roberto Cardoso Alves, do Desenvolvimento Industrial, é irrecorrível. Durante os últimos vinte anos ele se entregou aos cuidados do cabeleireiro Renan

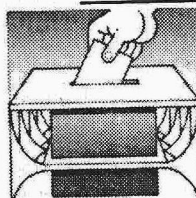
Buarque para periódicas limpezas de pele, impecáveis tratamentos de unhas e tradicionais cortes de cabelo. Como recompensa, seu amigo coiffure fez questão de convidá-lo para cor-

tar a fita inaugural da primeira filial do salão Robb's Haute, na rua Martins Fontes, no centro de São Paulo. Para Cardoso Alves o que muda, agora, é apenas o endereço do salão.

Alugam-se siglas para a eleição presidencial

No mercado da sucessão, os pequenos partidos trocam sua estrutura por dinheiro e cargos

JOSÉ MARIA MAYRINK



Sempre rola muito dinheiro nas campanhas eleitorais, mas não se assina, recibo nem se divulga a contabilidade quando aliança política significa também ajuda financeira. "Quem disser que não é assim estará mentindo", observa o deputado Tonico Ramos (PMDB), presidente da Assembleia Legislativa de São Paulo.

O professor Teotônio Simões, candidato ao governo do Estado pelo PH em 1986, confirma com sua experiência: "Recebi oferta de dinheiro do PDS para os candidatos do partido, se eu renunciasse à minha candidatura", lembra ele. Além de recusar, denunciou a manobra dos partidários de Paulo Maluf, candidato derrotado por Orestes Quéricia.

Não só se negocia apoio político — vende-se e compra-se também legenda. O deputado Adhemar de Barros Filho (independente, depois de abandonar o PDT de Brizola) poderia aposar-se da sigla do PSP, se aceitasse a proposta de José Alcides Oliveira, o Marronzinho, que a controla.

"Ele tentou me vender o PSP por uma importância próxima à divulgada pela revista *Veja* (US\$ 3 milhões, depois convertidos em NCz\$ 3 milhões pelo câmbio oficial)", confirma o deputado. "Mas eu não quis saber de conversa, pois não se trata de um balcão de negócios", diz ele. Interessado em reassumir o



comando do PSP para fazer dele o que foi no tempo de seu pai, o ex-governador Adhemar de Barros, ele só está esperando vencer o prazo concedido para registro definitivo do partido, 12 de novembro. "Se Marronzinho não cumprir as exigências da lei eleitoral, peço o PSP de volta no dia 13", promete.

Nada misteriosas — e por isso confessáveis — são as alianças em troca de participação no governo, em caso de vitória. "Faz parte da democracia e do pluripartidarismo, mas nós não exigiremos cargos na hipótese de coligação", adianta o senador Mauro Borges, presidente do PDC.